

# **EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E MÍDIA NA CONTEMPORANEIDADE**

Aracaju – Se – Abril/2012

**Categoria: C**

**Setor Educacional: 3**

**Classificação das Áreas de Pesquisa em EAD**

**Macro: A / Meso: H / Micro: O**

**Natureza: B**

**Classe: 1**

## ***RESUMO***

O texto tem o objetivo de proporcionar uma análise crítica e reflexiva sobre a formação e atuação de professores sensíveis à construção de uma **educação** com/para as tecnologias midiáticas (em especial a **mídia** televisiva). Pois, de posse de habilidades nesse sentido, poderão potencializar diferentes processos, relações e movimentos na escola que garantam aos seus alunos uma visão crítica de mundo, a qual implica diretamente em práticas mais participativas, democráticas e cidadãs. O artigo também faz uma análise crítica e reflexiva sobre a educação em nosso país, visando à melhoria da qualidade do atendimento oferecido para os estudantes. Embora existam novos olhares sobre temas que antes eram distantes, a matriz curricular da educação básica ainda mantém os conteúdos tradicionais. É importante ressaltar que a prática da educação nessa fase sugere um currículo no qual os princípios Políticos, Estético (da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade, da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais) e Éticos (da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum) devem estar não só voltados para o desenvolvimento de competências como também presentes na prática pedagógica. Para tal, torna-se essencial a capacitação dos professores e o melhoramento da educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia; Educação; Interatividade; interação; formação de professores.

## 1. A INFLUENCIA DA MÍDIA NA EDUCAÇÃO.

Quando nos deparamos com o mundo contemporâneo, marcado pela tecnologia e o acesso fácil à informação aliados às promessas de “igualdade” da globalização, uma reflexão sobre as relações entre *mídia e educação* configura-se em um tema importante para educadores e comunicadores. Temos que refletir sobre o que as pessoas estão assistindo, lendo, o que elas estão encontrando, seja nas páginas dos jornais, na televisão ou navegando na internet.

Essa reflexão tem que ultrapassar a esfera quantitativa. É preciso discutir sobre a qualidade, a consistência da escola e da informação produzida e colocada em circulação pelas mídias. Em tempos de internet, quando vivemos a cultura do ciberespaço, a cultura da mídia, é preciso repensar também o espaço da escola e da mídia na produção de sentidos.

O poder de alcance cada vez maior das mídias - principalmente a televisão - em diferentes segmentos da sociedade contemporânea, especialmente entre os jovens, fez surgir o aparecimento de uma cultura midiática com estratégias de mercado novas e mais atraentes - a função da propaganda é criar uma necessidade de uso ou obtenção de um produto no consumidor, para isso se utiliza de todas as estratégias de encantamento possíveis. - Suas mensagens dirigidas ao público jovem são extremamente coloridas, agradáveis, interativas, musicais e carregadas de uma intencionalidade que os mesmos não são capazes de distinguir.

Tendo em vista, que as diversas mídias ocupam atualmente um espaço antes só exercido pela Família, Religião e a Escola - as funções socializadora, informativa e educativa – e que, a influência das mídias também se faz presente nessas instituições, quando qualquer família carente ou não, tem uma TV em casa, e a religião atualmente difunde seus valores através das mídias. Segundo Moreira e Zicman<sup>[1]</sup>,

Está claro que a midiatização da cultura, por intermédio do papel preponderante dos conglomerados da comunicação, informação e entretenimento, acirrou a crise das instituições tradicionais produtoras de sentido (escola, família, religiões,

Estado, culturas locais) e facilitou a constituição de novas instâncias geradoras e difusoras de sentido.

Assim, refletindo acerca de tais influências, se faz necessário questionar: Até que ponto as mídias estão influenciando a formação dos nossos jovens? Na relação entre os comerciais de TV e os adolescentes, cabe uma discussão sobre a natureza do ambiente comercial midiático e especialmente os níveis de compreensão dos mesmos com esses programas aos quais estão expostos. Como os jovens distinguem os comerciais do restante da programação? Como eles reconhecem a intenção persuasiva? Quais suas atitudes diante dos comerciais na TV? Quais são os efeitos deliberados e não-deliberados dos anúncios e as políticas de restrição utilizadas nas mídias? Diante destas questões percebe-se a necessidade da educação em inserir a temática alfabetização para as mídias – leitura crítica das mensagens veiculadas pelas mídias - como componente curricular, tanto nos cursos de formação de professores quanto na educação básica. Na contemporaneidade, em todo o mundo, a mídia-educação tem sido estimulada por Organizações Não-Governamentais ou Movimentos Sociais. Certamente, esse fato acontece por falta de preparo do professor e das instituições formadoras de professores.

A compreensão analítica e reflexiva dos meios eletrônicos e impressos de comunicação de massa, a habilidade de articular mídias e refletir sobre elas através da mediação. A habilidade crítica dos telespectadores é um dos mais importantes componentes da alfabetização para as mídias, referindo-se à compreensão e a competência na relação com a televisão, incluindo seus aspectos estéticos, sociais, culturais, psicológicos, educacionais, econômicos e de regulamentação. Segundo Baccega<sup>[2]</sup>,

Tornar nosso aluno cidadão crítico, saber mobilizar percepções parciais na configuração da totalidade são processos que, no seu transcurso, contêm a transformação de uma coisa em outra, a passagem de um em outro que o contém, ao mesmo tempo negando-o e incorporando-o sob nova roupagem. Essa passagem é a mediação.

Conforme Fagundes<sup>[3]</sup>, em entrevista concedida à revista Diálogo:

Os cursos de licenciatura estão ainda no terreno de leituras e estudos textuais, não contextualizados, diretivos e de cima para baixo *top down*, sem compromisso com o chão da escola, com a sala de aula que poderia ajudar estudantes e docentes a percorrer o caminho da prática para o formalismo *botton up* e manter as trocas dialógicas entre a prática e a teoria.

Para Lion<sup>[4]</sup>, as tecnologias na escola têm que incorporar as dimensões éticas, políticas, econômicas, pedagógicas e didáticas. Sendo assim, tão importante quanto dominar o uso da tecnologia é dominar seu contexto, a forma como é produzida, como é veiculada. Além disso, os processos de formação para essa ação, educação com/para mídias, comumente ocorrem sem levar em conta o imaginário dos professores em relação às implicações da TV na educação dos jovens, o que acaba sendo um grande equívoco, pois após as formações no sentido de uma educação com/para mídias, poucas transformações ocorrem na fazer pedagógico dos professores. A escola então passa a ser o espaço de discussão dessas temáticas e, o professor, o principal mediador na relação dialógica entre mídias e contexto escolar. Essas acontecerão através dos conteúdos educativos, o professor não precisa nem deve descartar esses conteúdos, muito pelo contrário, eles devem e podem ser mediados pelas tecnologias da comunicação.

Atualmente, é nítida a carência de habilidades e competências que garantam a este profissional atuar como leitor/receptor/espectador crítico que também, seja capaz de produzir discursos utilizando a linguagem da mídia televisiva e de outras tecnologias midiáticas. Sabemos que a fantástica telinha da televisão contribui para a formação cultural da pessoa. Nessa perspectiva então, a proposta é aliar a programação da televisão às atividades desenvolvidas na sala de aula, entretanto, os docentes devem ter consciência de que as informações transmitidas pela televisão estão impregnadas de valores estéticos, éticos e morais que atuam no comportamento do indivíduo. Para que a mídia televisiva atue no desenvolvimento afetivo e cognitivo dos jovens é necessário por parte desse profissional uma prática em que se promova uma discussão mais ampla e crítica de suas mensagens.

Diante do exposto, fica claro a necessidade cada vez mais destas duas áreas de trabalho: *comunicação e educação* tornarem-se aliadas e

complementares entre si. Hoje, tanto o profissional da mídia precisa ter um referencial do processo educativo sobre o qual precisará analisar opinar, noticiar, quanto para o educador (a), é fundamental que tenha uma leitura crítica do mundo que lhes cerca. Isto implica necessariamente em uma maior aproximação *da e com* a mídia. É importante desenvolver estratégias sobre a possibilidade de a escola estar envolvida em reflexões sobre a mídia, buscando pensar, inclusive, sobre a linguagem utilizada por estes meios culturais que nos interpelam todos os dias. Segundo Fischer<sup>[5]</sup>,

Enquanto a escola ficar no papel tímido de espectadora ressentida de uma sociedade que se pauta pelo mercado e pelas imagens de sucesso individual, de culto narcísico do corpo, de ilusão de felicidade dada pelo consumo real e imaginário, estará apenas marcando seu lugar como ausente do seu tempo.

Existem sem dúvida experiências ricas e importantes que os docentes fazem em relação ao uso didático e crítico da mídia; porém é necessário oferecer condições para que haja o crescimento dessas experiências e a capacitação do docente para atuar com segurança nesta área.

Para a formação da competência midiática, é preciso haver convicção da necessidade dessa formação e um trabalho conjunto das faculdades e universidades. O trabalho com a mídia no cotidiano não é algo simples, mas é um constante e complexo desafio que exige preparo e formação. Os cursos superiores de formação de professores têm que desenvolver a capacidade de o graduando “influir nos destinos da sua sociedade” por meio da leitura crítica dos fatos vinculados pela mídia. Os cursos de graduação, especialmente os de licenciatura, têm a responsabilidade de formar professores aptos ao exercício da cidadania e que contribuam para o surgimento de uma sociedade mais consciente e menos alienada.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional<sup>[6]</sup>, no capítulo IV, *Art. 43º* intitulado “Da Educação Superior”, diz que é de responsabilidade da Educação Superior no Brasil o desenvolvimento científico e cultural da população, assim como a busca por novas soluções que atendam e supram suas dificuldades.

Para desenvolver a competência midiática duas dimensões devem ser abordadas: A dimensão didática – capacidade de acessar, processar e usar as informações como recurso didático na construção do conhecimento e a dimensão crítica – postura reflexiva, crítica e inovadora frente às diversas informações transmitidas pela mídia transformando-as em conhecimento.

Como vimos o exercício da docência requer, de seus profissionais, atitudes que privilegiem os valores democráticos que regem toda a nação. Para tanto, uma formação integral do professor faz-se necessária para que ele possa responder às expectativas quanto à sua atuação transformadora e reflexiva junto à população. Portanto, a preparação para a leitura crítica das mídias nos cursos de licenciatura torna-se imprescindível e indispensável, tendo que ser assumida pelas instituições de ensino superior como um fator de suma importância para o bom desempenho dos futuros professores e a formação adequada de nossos jovens. O ensino na contemporaneidade exige não uma lista interminável de conteúdos, mas sim a apropriação de um saber prático que faça o discente entender o lugar onde vive e suas relações de poder para compreender o mundo que o cerca.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, nas anotações finais conclui-se que, se realmente a universidade tem um compromisso com a formação de profissionais competentes para atuarem na atual sociedade tecnológica, deve atentar para a formação de professores sensíveis à necessária construção de uma *educação* com/para as tecnologias midiáticas (em especial a *mídia televisiva*) e o desenvolvimento da cidadania. Pois, de posse de habilidades nesse sentido, os educadores, poderão potencializar diferentes processos, relações e movimentos na escola que garantam aos jovens uma visão crítica de mundo, a qual implica diretamente em práticas mais participativas, democráticas e cidadãs.

Assim, a escola passa a ser um local de produção de conhecimento e, portanto, de cultura; em que o professor, frente ao fato do cotidiano dos sujeitos escolares que são profundamente marcados pelos meios de

comunicação, recorrem ao processo dialógico para a conscientização no processo de leitura da realidade e apropriação das linguagens tecnológicas e culturais; além disso, esse profissional passa a considerar a importância do lazer, do prazer e envolvimento emocional existentes no ensino-aprendizagem, tornando-o dinâmico, interessante e lúdico aos pequenos.

Faz-se extremamente necessário refletir a respeito das implicações sociais/políticas/econômicas e pedagógicas no ensino da educação básica, não só em relação aos métodos de abordagens utilizados, como também acerca das didáticas e da relevância educativa dos conteúdos e temas a serem trabalhados. A educação voltada para jovens sugere um currículo direcionado para o desenvolvimento de competências, no qual a interdisciplinaridade e a contextualização permeiem a prática pedagógica. Assim, educar para a vida e preparar para o mundo, este é o papel assumido pela educação atualmente.

Neste novo contexto, formar alunos críticos, autônomos e protagonistas, instrumentalizados para múltiplas leituras e possibilidades de intervenção em sua realidade é tarefa que exige esforço conjunto dos professores, formados em sua maioria em cursos nos quais as dicotomias teoria/prática e ensino/pesquisa eram visíveis, nossos professores têm dificuldade para refletir, confrontar e reformular suas práticas pedagógicas com o novo, com as tecnologias da informação, em acompanhar a evolução rápida dos acontecimentos na era da informação. O que fazer? Como fazer? Esta angústia é notada nas falas e na resistência à proposta de mudança e reflete-se nas palavras de Pérez Gómez<sup>[7]</sup> ao afirmar que quanto mais amplo o horizonte, concomitante é a

Indefinição, desorganização e o caos do perfil que apresenta a realidade atual e maiores são os requisitos e as condições, os recursos pessoais e materiais necessários para enfrentar a incerteza de um horizonte sem forma, aleatório e imprevisível.

Portanto, torna-se essencial uma maior interação professor-aluno no processo de construção do conhecimento por meio da contextualização, de atividades interdisciplinares e da constante preocupação docente com a

transposição didática, adequando o conhecimento a uma linguagem própria dos jovens, criando situações de aprendizagem interessantes e lúdicas, significando os conteúdos, favorecendo o desenvolvimento de habilidades e competências para a formação do cidadão sensível e participativo, permitindo que a mesma construa, desconstrua e reconstrua o seu conhecimento através da sua mediação docente.

## REFERÊNCIAS

- 
- [1] MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (Org.). *Misticismo e novas religiões*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 1210.
- [2] BACCEGA, Maria Ap. *Televisão e escola, uma mediação possível?* São Paulo: Editora do Senac São Paulo, 2003, p. 16.
- [3] FAGUNDES, Lea da Cruz. Tecnologia e educação: a diferença entre inovar e sofisticar as práticas tradicionais. *Revista Diálogo*, Dezembro 2008, p. 07-08.
- [4] LION, Carina Gabriela. *Mitos e realidades na tecnologia educacional: política, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- [5] FISCHER, R.M.B. 1999. Identidade, Cultura e Mídia: a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: L. H., SILVA (org.) *Século XXI. Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, p. 23.
- [6] BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394*. Brasília, DF, 1996.
- [7] PÉREZ GÓMEZ, A.I. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 134.
- .